

# **A ADAPTAÇÃO DO PROFESSOR DE ENSINO SUPERIOR: DA SALA PRESENCIAL À SALA DIGITAL**

## **THE ADAPTATION TO THE TEACHER OF HIGHER EDUCATION: FROM PRESENTIAL CLASS TO DIGITAL CLASS**

**Larissa Maciel do Amaral e Jana Maria Brito Silva\***

### **RESUMO**

O ensino virtual é uma realidade em várias instituições de ensino superior. O alcance abrangente, a adaptação de horários e o amplo acesso às novas mídias digitais são catalisadores da franca expansão do processo virtual de aprendizagem. Trata-se de um meio de incorporar os novos recursos tecnológicos em favor da educação, e não contra. A EAD ganha destaque com a inovação das mídias digitais em ritmo acelerado com o desenvolvimento da Internet 2.0, espaço virtual interativo em que a informação é facilmente acessada, absorvida, disponibilizada, compartilhada e que rompe barreiras e distâncias. Para o aluno, o grande impacto em sua adaptação ao ambiente virtual de aprendizagem é o autogerenciamento de seus estudos. Para o professor, são necessárias mudanças adaptativas que vão além da manipulação das novas mídias, perpassam pela adaptação de métodos, adequação do conteúdo à forma, o zelo com a informação que ficará salva para acesso posterior e a didática para trabalhar com turmas numerosas e cada vez mais interdisciplinares. Para o professor, esta nova sala digital é tão cheia de desafios quanto fascinante.

**Palavras-Chave:** EAD. Professor. Ensino Superior. Adaptação.

### **ABSTRACT**

Virtual education is a reality in many institutions of higher education. The long reaches adapting schedules and broad access to new digital media are catalysts for expanding the virtual learning process. It is a mean of incorporating new technological resources for education, not against. The EAD is highlighted with the innovation of digital media with the development of Web 2.0, interactive virtual space where information is easily accessed, absorbed, available, shared, and that get over barriers and distances. For the student, the major impact on their adaptation to the virtual learning environment is self-management of their studies. For the teacher, adaptive changes are needed that go beyond the manipulation of new media, includes the adaptation of methods, appropriateness of the content to form, the zeal with which the information will be saved for later access and didactics for working with large classes and each increasingly interdisciplinary. For the teacher, this new digital class is so full of challenges as fascinating.

**Key words:** University Teacher. Education to distance. Adaptation.

\*AMARAL, Larissa Maciel do. Advogada e Professora-Tutora do Núcleo de Educação à Distância na Universidade de Fortaleza-UNIFOR. Especialista em Direito Público pela UCAM-RJ e Instituto PRAETORIUM de ensino, e Mestranda em Direito e Ordem Constitucional pela UFC-CE, com pesquisa financiada pelo CNPQ. Pesquisa temas voltados à Jurisdição Constitucional, Direito e Política e Ensino Jurídico. e-mail: larissa.maciel.amaral@gmail.com;

\* BRITO SILVA, Jana Maria. Mestranda em Direito Constitucional pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Especialista em Direito Público pela UFC. Professora de Educação Ambiental na Universidade de Fortaleza (UNIFOR), É também pesquisadora do projeto “Mundo Direito”, da UFC. e-mail: janamaria.brito@gmail.com;

## 1. INTRODUÇÃO

O ensino virtual é uma realidade em várias instituições de ensino superior. O alcance abrangente, a adaptação de horários e o amplo acesso às novas mídias digitais são catalisadores da franca expansão do processo virtual de aprendizagem. Trata-se de um meio de incorporar os novos recursos tecnológicos em favor da educação, e não contra, como ocorre na maioria das vezes em que o professor do ensino presencial tenta disputar espaço com o aluno que leva à sala de aula um *laptop*, um *smartphone* e um *tablet*, que insistem em tomar mais atenção que o professor expositor.

Há uma nova definição dos *players*, ou seja, dos atores envolvidos no processo de ensino e aprendizagem. Estes atores passam por mudanças adaptativas que perpassam, para os professores, por adaptação de métodos de ensino, a forma e o alcance do conteúdo, forma e alcance da avaliação, e o tratamento com turmas numerosas de alunos; para os alunos, talvez a maior dificuldade seja o autogerenciamento do seu estudo. Horários e cronogramas devem ser tratados com mais seriedade e responsabilidade.

Para os fins deste artigo, optou-se por tratar especificamente da redefinição do papel dos professores diante desta nova plataforma de aprendizagem, aplicada ao ensino superior.

Foram utilizados na pesquisa substratos bibliográficos e, em muito é influenciado pela atuação prática da autora, que atua como professora no ensino à distância.

Do professor são exigidas condutas e conhecimentos que vão muito além da disciplina ministrada. Didática, motivação, atualidades e, notadamente tecnologia vão ser necessários neste novo papel do professor, agora condutor de uma sala digital. Esta nova sala digital é tão cheia de desafios quanto fascinante.

## 2. EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA: CONCEITO E IMPLICAÇÕES

A educação à distância (EAD) é aquela em que professores e alunos estão separados no espaço. A conexão entre um e outro é realizada por vários meios dentre os quais estão a disponibilização da mídia em *cd room*, em teletransmissões via teleconferência, em transmissão via tv ou rádio, *softwares* próprios com conexão via internet, troca de correspondências, ou até mesmo cartas. Entende-se que a separação no tempo não é requisito à EAD, pois o alcance pode ser imediato como no caso das videoconferências, mas pode caracterizá-la, dependendo da técnica utilizada em cada caso.

Segundo Maia e Mattar “A EAD é uma modalidade de educação em que professores e alunos estão separados, planejada por instituições e que utiliza diversas tecnologias de comunicação” (2008,p. 6). Devido à volatilidade dos seus instrumentos de uso e possibilidades, a própria definição de Educação à distância é um conceito mutável, havendo, contudo, preocupação acadêmica em traçar limites ao conceito para fins de afirmação didática da EAD.

A EAD ganha destaque com a inovação das mídias digitais em ritmo acelerado como nos anos que seguiram o século XX e, sobretudo, com o desenvolvimento da Internet 2.0, ou Web 2.0, que pode ser assim definida:

Web 2.0 represents an important shift in the way digital information is created, shared, stored, distributed, and manipulated. In the years ahead, it will have a significant impact in the way businesses use both the Internet and enterprise-level IT applications. As the name suggests, Web 2.0 describes a set of next-generation Internet technologies. These protocols and tools make it easier to create online applications that behave dynamically, much like traditional PC-based software. (WOLLCOT, 2007,online.)<sup>1</sup>

Este novo espaço interativo em que a informação é facilmente acessada, absorvida, disponibilizada, compartilhada, que rompe barreiras em distâncias e, ainda, que atrai tanto a atenção dos estudantes, pode e deve ser utilizada de forma a facilitar o acesso à educação.

A origem da EAD aplicada ao ensino superior remonta aos anos seguintes à II Grande Guerra Mundial:

Após a divulgação do relatório Robins(1963), que analisou o estado da educação inglesa após a 2ª Guerra Mundial, o governo do primeiro-ministro Harold Wilson tomou duas providências para corrigir o enorme déficit de matrículas e de escolas de nível superior: criar universidades e escolas politécnicas de pequeno e médio portes; assim nasceram nove universidades, nove escolas politécnicas e a Open University (em inglês OKOU- United Kingdom Open University). (AZEVEDO,2011,p.2)

A *Open University* tinha o propósito de integrar meios eletrônicos e material impresso e desde sua criação em 1963 enfrentou muita rejeição por governantes e até mesmo pelo então ministro Inglês da educação.

No Brasil, a prática ainda encontra opositores, mas foi implementada inicialmente pela UnB, em 1979:

Quando a Universidade de Brasília(UnB) decidiu encampar a questão da Universidade Aberta do Brasil, em 1979, o modelo inglês já havia sido copiado ou adaptado em muitos países. No Brasil, havia apenas o parecer que Newton Lins

---

<sup>1</sup> Em tradução livre: A Web 2.0 representa uma importante mudança na forma em que a informação digital é criada, compartilhada, armazenada, distribuída e manipulada. Em alguns anos, terá impacto significativo a forma em que empreendimentos utilizam a internet e os recursos de Tecnologia de Informação-TI. Como o nome sugere, Web 2.0 descreve um conjunto de tecnologias da Internet para a nova geração. Estes protocolos e ferramentas trarão bem mais dinamicidade às relações entre PCs e softwares.

Albuquerque Sucupira, conselheiro do Conselho Federal de Educação (CFE) apresentou ao então ministro da Educação, Jarbas Gonçalves Passarinho – um estudo fundamentado sobre a UKOU e a viabilidade de sua criação no país. (AZEVEDO2011,p.2)

Trata-se de uma ruptura acadêmica da tradição milenar em que os alunos e professores lidam um com o outro face-a-face. Como tudo que é novo, traz primeiro uma noção de insegurança e rejeição. É neste sentido a abordagem da ruptura com o ensino tradicional apresentada por Otto Peters:

Na educação à distância, no entanto, as coisas são bem diferentes. As formas típicas e prevalentes de ensino e aprendizagem não são falar e ouvir em situações face a face, mas apresentar material didático impresso e usá-lo a fim de adquirir conhecimento. Falar e ouvir são substituídos por escrever e ler, outro padrão cultural que, no entanto, é relativamente novo e, certamente, comparativamente difícil. Não é um modo de interagir natural, mas artificial, que não pode ocorrer sem uma mídia técnica. (2004,p.70/71).

Ressalte-se que a utilização de material impresso é apenas uma das formas de ensino aplicadas à EAD, principalmente com a incorporação de novas mídias interativas proporcionada por esta rede de informações desenvolvida com a Internet 2.0.

A disponibilização de educação “sem fronteiras” é um contributo à democratização do ensino superior. O aluno a quem antes não era oportunizado cursar um ensino superior não pode mais utilizar-se da justificativa da falta de tempo ou distância. O aluno inserido no mercado de trabalho durante a educação superior pode administrar as disciplinas à distância juntamente com sua inserção no mercado de trabalho, notadamente em estágios. O acesso assim, é cada vez mais facilitado.

O acesso facilitado não confunde-se com facilitação no conteúdo, na didática ou nas tecnologias envolvidas. Este, inclusive, é um mito comum entre os alunos que matriculam-se em disciplinas ou programas de educação à distância porque julgam, antecipadamente, ser um conteúdo mais fácil. Não é. O acompanhamento diário, a quantidade de informação transmitida e a exigência do autogerenciamento dos estudos implicam na qualidade do ensino e no elevado grau de exigência por parte de alunos e professores no ensino à distância.

A ampliação do acesso foi detectada em números e, Segundo Torres e Vianney,(2002,p.4) “O número total de alunos matriculados até dezembro de 2002 em cursos a distância é de 84 397”. Em 2002, das 1.391 Instituições de Nível superior credenciadas no Ministério da Educação, 32 ofertavam ensino à distância, segundo a pesquisa mencionada e encomendada pelo IESALC - Instituto Internacional para a Educação Superior na América Latina e Caribe- UNESCO.

A ampliação do ensino na modalidade à distância traz implicações na dialética entre inovações tecnológicas e práticas pedagógicas, que é novidade, e traduz-se em desafio à alunos, professores e universidades.

### **3. ENTRE AS INOVAÇÕES TECNOLÓGICAS E AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS**

No capítulo anterior falou-se da dinamicidade do conceito de Educação à Distância, isto pois a EAD incorpora elementos de tecnologia de informação, universo em constante ebulição de novas descobertas e lançamentos, assim, é difícil estabelecer um conceito estanque.

Falou-se que remonta ao final da década de 70 a introdução da EAD no Brasil, mas para isso toma-se como base o modelo mais próximo do que dispomos hoje, quando utiliza-se a Internet como canal para comunicação. Contudo, se for considerada como educação à distância todas as formas de ensino em que os atores são distanciados no espaço, há registros de 1904 que implicam na utilização da mídia impressa e correio para o ensino privado à distância no Brasil. Em 1923 houve educação proporcionada pelo rádio, seguido por criação de TV's educativas, sobretudo em canais governamentais (VIANNEY e TORRES,2002,p.3).

Esta incorporação de novos recursos computacionais se reflete no avanço e afirmação da própria EAD como método de ensino. A respeito do desafio de incorporação das tecnologias de informação à prática pedagógica, assim escreve Elizabeth Almeida:

Para a incorporação das TI à prática dos educadores não basta que eles saibam manipular os recursos computacionais articulados com as facilidades da linguagem hipermídia, há que aprender a integrá-los em sua prática. Cursos e treinamentos não resolvem essa questão. É preciso assessorar o educador em seu trabalho cotidiano, valorizar o seu saber oriundo de sua experiência profissional, promover a articulação desse saber e de sua prática com as TI e com teorias que ajudem a refletir e depurar essa experiência. E, sobretudo, favorecer a sua atuação como um profissional crítico-reflexivo comprometido com uma prática transformadora, progressista e prazerosa, na qual cada ser se situa em sua inteireza de ser humano aprendente e utiliza as TI para representar, interagir, compreender e atuar na melhoria de qualidade de seus processos e produções, bem como inserir-se no seu contexto e no mundo, transformando-os e transformando-se.(2002,p.73)

Por esta diversidade de habilidades exigidas no ensino à distância é que julga-se necessária a fusão das boas práticas pedagógicas e das inovações tecnológicas, que não é tarefa fácil, além de renovar-se frequentemente.

Inicialmente discutia-se até se a EAD se traduziria realmente em método de ensino, já que distanciada da ambiência prática comum do paradigma educacional tradicional. Hoje em dia, tem-se que a educação construtivista proclamada nacionalmente por Paulo Freire é atendida

na modalidade de ensino à distância e coaduna com a tônica da Web 2.0 em que a informação será melhor aproveitada se elaborada em conjunto, com colaboração.

Nos ensinamentos de Paulo Freire (1982,p.80) “ a educação problematizadora, de caráter autenticamente reflexivo, implica um constante ato de desvelamento da sociedade[...] busca a emersão das consciências, de que resulte a inserção crítica na realidade.” Esta educação problematizadora é perfeitamente alcançável com o ensino á distância, já que as ferramentas atualmente disponíveis para a implementação da EAD levam o professor ou tutor a buscar o máximo de diálogo entre as turmas. São chats, salas virtuais, vídeos, teleconferências, fóruns,etc.

O aluno passa a ser o foco central sobre o qual é moldado o conteúdo programático e as formas de disponibilização deste conteúdo, que será tanto melhor quanto mais participativo e envolvente.

Baseado no foco do aluno na EAD, Pallof e Pratt indicam que

[...]cinco mudanças fundamentais que precisam ocorrer para que haja uma aprendizagem centrada no aluno: o equilíbrio de forças precisa mudar, a função do conteúdo precisa mudar, o papel do professor precisa mudar, a responsabilidade pela aprendizagem precisa mudar e o propósito e os processos de avaliação precisam mudar.(2004, p.148)

Como exemplos de boas práticas no modelo de educação à distância, têm-se que os métodos de ensino participativo, com a adaptação do meio, são cabíveis no ambiente virtual de aprendizagem e pode estimular o aluno a participar quanto mais.

Até mesmo na sala presencial, encarar o aluno como mero expectador já não é suficiente no dia-a-dia. Sobre a proposta de ensino e cooperação, que remete ao ensino participativo, aponta Martinez (2013, p. 07):

O diálogo ganha importância na práxis do ensino jurídico ao permitir a liberdade de expressão, ao conceder a todos os participantes do processo de ensino e aprendizagem a ação. Dialogar significa cooperar para refletir, dizer para construir seu entendimento. Não há como questionar sem diálogo, pois monólogo significa dominação, imposição do conhecimento.

O diálogo crítico e a cooperação ganham espaço na sala de aula e passam a ser essenciais na metodologia utilizada pelo professor. A proposta exigirá tanto uma mudança de postura do docente quanto à necessidade de adaptação a este novo panorama, para que não se “perca” do objetivo teórico da aula e não fuja do cronograma da disciplina a que se dedica.

O ensino participativo visa auxiliar o professor na sua árdua função de proporcionar ao aluno de graduação em direito todas as potencialidades recomendadas no texto da Resolução nº 09/2004 do CNES, conforme se vê:

Art. 3º O curso de graduação em Direito deverá assegurar, no perfil do graduando, sólida formação geral, humanística e axiológica, capacidade de análise, domínio de conceitos e da terminologia jurídica, adequada argumentação, interpretação e valorização dos fenômenos jurídicos e sociais, aliada a uma postura reflexiva e de visão crítica que fomente a capacidade e a aptidão para a aprendizagem autônoma e dinâmica, indispensável ao exercício da Ciência do Direito, da prestação da justiça e do desenvolvimento da cidadania. (BRASIL, 2004)

Longe de ofertar definição definitiva, pode-se indicar que o ensino participativo consiste em técnica de ensino em que o aluno ganha ares de protagonista no processo de ensino-aprendizagem, sempre com a orientação e diretriz do professor, para fortalecer e desenvolver as potencialidades esperadas do aluno tais como senso crítico, compreensão da realidade, capacidade de raciocínio reflexivo, e, com isso, favorecer uma maior compreensão da matéria lecionada.

Para que este objetivo seja alcançado, o professor lança mão de métodos para aplicação prática das técnicas de ensino participativo. Estes métodos não são taxativos e tão pouco fechados às adaptações que a prática requer. Veja-se alguns exemplos de boas práticas pedagógicas, participativas, que podem ser utilizadas pelo professor em EAD:

### **3.1 Debate**

O debate é o método de ensino que deve ser utilizado por excelência no ensino à distância. Segundo Daniel Peixoto, através do debate, “ os alunos são levados a participar ativamente do processo de aprendizado, exercitando o raciocínio a partir de problemas, a capacidade de formular argumentos e contra-argumentos” (2019, p. 23).

Tarcia e Cabral complementam este raciocínio e indicam que

No ensino à distância, situação em que o estudante tem acesso à informação, ou melhor, a uma infinidade de informações de determinado tema que será objeto de seu estudo, estudantes e professores assumem inevitavelmente uma relação diferenciada diante do processo de ensino-aprendizagem. Essa será forçosamente mais parceira e dialógica, distanciando-se de relações de poder centradas no professor, que detém a informação e o conhecimento e, por isso, manda e ensina, agindo sobre o aluno que obedece e aprende de maneira passiva. (2011,p.149)

Após exposição do conteúdo pode ser sugerida uma pergunta de partida ou um caso-problema para estimular a participação no debate. Além de fomentar nos alunos a pesquisa e interesse pelo conteúdo, direciona os estudos e facilita ao professor a avaliação do desempenho dos alunos;

### **3.2 Diálogo Socrático**

O diálogo socrático “é um mecanismo retórico que busca identificar, no curso de uma manifestação dialógica, a verdade presente nos argumentos e contra-argumentos dos sujeitos envolvidos” (CARVALHO, 2010, p. 31).

A utilização do método socrático possibilita ao aluno uma reflexão sobre suas próprias proposições para que chegue a uma conclusão mais reflexiva.

As informações em EAD tendem a ser gerais e impessoais. O uso da retórica no formato de pergunta direcionada, elaborada a partir de um comentário de aluno para que este seja surpreendido pela dúvida e pela ação redargutiva pode potencializar o aprendizado.

Recomenda-se a utilização desta técnica para o aluno participativo, e que, provavelmente não se sentirá intimidado com sua citação nominal. A técnica tende a despertar mais interesse dos demais alunos já que podem também serem citados nominalmente, assim eles passarão a expor suas opiniões com mais responsabilidade.

É uma técnica que, por sua especificidade, não pode ser utilizada em excesso na EAD, dificultaria o aprendizado, provavelmente intimidaria a participação dos alunos mais contidos, e impossibilitaria o avanço do conteúdo. Usado moderadamente, aguça a criticidade do aluno sobre o conteúdo produzido por ele mesmo, além de funcionar como conteúdo motivacional para aquele aluno nominalmente citado.

### **3.3 Método do caso**

A exposição de um caso real, de preferência de ocorrência próxima aos alunos e atual, estimula a participação e o interesse. Na era da Web 2.0, da informação rápida e atual, todos querem “ter o que falar” sobre o mais novo caso que está sendo noticiado. Expor o caso envolvendo-o no conteúdo da disciplina pode ser uma ótima técnica na EAD. Pode tratar-se de uma decisão judicial, uma nova formulação farmacêutica, um novo empreendimento, a doença que atinge um ator, etc. É um método aplicável a todas as áreas do conhecimento.

O método do caso pode ser, inclusive, aplicado na forma de duas outras técnicas de ensino participativo:

#### *3.3.1 Problem-Based Learning (PBL)*



O PBL “foi desenvolvido como uma técnica de ensino na década de 1950 no âmbito da educação médica[...] a ferramenta central é a análise de casos complexos – reais ou hipotéticos” (PEREIRA, 2010,p.61/63).

Na EAD, o problema pode ser, por exemplo, disponibilizado antes e discutido em sala virtual (ambiente virtual de interação simultânea) onde os alunos expõem *online* suas acepções sobre o caso. O problema pode ainda ser exposto por um dos alunos, que em postagem de participação convencional cite o problema como exemplo em sua fala.

### 3.3.2 *Role-Play*

“O Role Play é o método de ensino por meio do qual o aluno assume um papel e desenvolve, a partir dele, atividades dinâmicas planejadas em relação a determinado tema” (GABBAY e SICA, 2010, p.73).

É uma adaptação do método do caso, onde o aluno incorpora determinado papel. Tome-se como exemplo uma implantação de um empreendimento vultuoso em área de proteção ambiental. Caso a disciplina seja da área jurídica, é interessante a assunção dos papéis de advogado tanto do empresário quanto um procurador do órgão ambiental. Caso a disciplina seja no curso de biologia, por exemplo, analisar-se-ia a postura do realizados do Estudo de impacto nos biomas, etc.

Na EAD o Role Play pode ser utilizado como trabalho pontuado na disciplina, pode ser utilizado como discussão em fórum específico, ou como o professor condutor da disciplina entenda ser melhor para adaptar o método ao seu curso e sala virtual.

Os métodos de ensino participativo são então aplicáveis à EAD, não só os apresentados, mas tantos outros. Tentou-se aqui demonstrar como com o mínimo de adaptação de meio e forma, o ensino participativo pode conduzir melhor uma disciplina em EAD.

Estas inovações tendem a ser positivas, possíveis de boas práticas pedagógicas como as referenciadas acima, mas também exigem uma redefinição do papel do professor, que deve adaptar-se.

## **4. REDEFININDO O PAPEL DO PROFESSOR NA SALA VIRTUAL DE APRENDIZAGEM**

Os *players* envolvidos no processo de ensino - aprendizagem em uma sala de aula convencional (ou presencial) são de fácil identificação: os alunos, os professores de conteúdo

e os professores que compõem o corpo estrutural e funcional do curso (coordenação, direção, supervisão, etc), isto porquê esta é a estrutura comum a qual se está habituado.

Já na disciplina em EAD, por tratar-se de um ambiente mais complexo, apresenta mais que os atores definidos acima. Há, de maneira geral, um professor condutor e elaborador do conteúdo, os responsáveis pela edição gráfica do conteúdo, os responsáveis pelo desenvolvimento e manutenção de softwares e plataformas, os professores-tutores que acompanham diariamente os alunos, e, sobretudo, os alunos. Estes *players* podem variar conforme o modelo utilizado pela instituição. Em alguns casos, há um núcleo de orientação pedagógica para auxiliar professores, professores-tutores e os alunos na adaptação com as novas mídias e formas de ensino. Segundo Maia e Mattar:

Uma das características em geral associadas à EAD é o fato de o professor ter deixado de ser uma entidade individual para se tornar uma entidade coletiva. O professor de cursos à distância pode ser considerado uma equipe, que incluiria o autor, um técnico, um artista gráfico, o tutor, o monitor etc. Muito mais que um professor, é uma instituição que ensina à distância, tanto que muitas definições de EaD insistem na ideia de que o ensino é planejado e coordenado por uma instituição. (2007,p.90)

Para o aluno, o grande impacto em sua adaptação ao ambiente virtual de aprendizagem é o autogerenciamento de seus estudos. No ambiente virtual não há a obrigatoriedade de dia e hora certas para “comparecer” à sala de aula e o planejamento e organização neste caso será fundamental.

O aluno ainda não percebe a EAD como disciplina “como as outras”, geralmente busca facilidade, e não propriamente conteúdo. São pensamentos como este que os prejudicam. A distância é suprida com o acompanhamento diário, com a exigência de participação para aferição de nota, e com a quantidade de conteúdo exposto, decorrência natural deste acompanhamento diário.

Para o professor, estas mudanças adaptativas vão muito além da mudança no meio utilizado, implica em diversas mudanças de técnicas, abordagem e comportamento para o bom desenvolvimento da sala virtual.

#### **4.1 Mudanças adaptativas do professor;**

Algumas potencialidades são exigidas do profissional professor nas disciplinas à distância. Otto Peters lista as habilidades que devem ser existentes ao professor em EAD:

Os professores também são afetados pelas amplas mudanças estruturais. O comportamento de ensino é determinado por um deslocamento do centro de gravidade – para longe da apresentação e na direção de supervisão e apoio para os alunos que aprendem autonomamente. A principal tarefa deles será:

- Desenvolver sistemas de aprendizagem não lineares em hipertexto/hipermídia (Laurillard 1993; Tergan et al. 1998; Wedekind et al. 1999; Tergan e Lechner 2000), nos quais por um lado a complexidade da aprendizagem acadêmica é expressa e por outro lado a aprendizagem por exploração e descoberta é possibilitada e apoiada;
  - Atuar como mediador de seminários virtuais (Salmon 2000; cf. cap. 8)
  - Organizar *suporte* (Ryan 2001; Zawacki 2002); assim como
  - O *design* de “ambientes de metaaprendizagem” (Summer e Taylor 1998).
- No futuro, também terão que ser capazes de reutilizar “objetos granulares” padronizados ou “unidades instrucionais formadas por componentes” de depósitos centralizados de fontes de conteúdo a fim de poupar tempo e dinheiro (Porter 2001; Wiley 2000; Kramer e Schmidt 2001). (2004, p.187)

A exemplo das potencialidades enumeradas acima, mudanças adaptativas são exigidas do professor de EAD. A mudança primeira sem dúvida é o meio. O professor não terá mais o contato face a face com os alunos ao assumir uma disciplina. Além disso, o acompanhamento em uma sala virtual deve ser diário, situação diferente de uma disciplina nos cursos de educação superior em que o contato é de uma ou duas vezes por semana. A quantidade de alunos também ganha em expressão, as turmas não dificilmente ultrapassam os 100 alunos. Na sala virtual, todas as informações podem ser reaccessadas, ou seja, a informação dada é informação salva. Mesmo o aluno retardatário consegue, com algum empenho, acompanhar o conteúdo ofertado. São várias as mudanças, mas a adaptação é completamente possível.

#### 4.1.1 *A numerosidade das turmas*

A quantidade de alunos não dificilmente ultrapassa o dobro do que pode ser considerado comum em um curso de graduação. Há turmas com 100, 200 ou mais alunos. Entende-se que as turmas numerosas fomentam o diálogo. Enquanto em uma turma presencial regular o professor conta com aproximadamente 2 ou 3 alunos mais participativos, aumentando o número de alunos, aumenta-se a proporcionalidade de alunos participativos e comprometidos com o tema das aulas.

Além de favorecer o diálogo, a quantidade de alunos fomenta a diversidade de ideias em um único local. Aumenta-se o espectro de diferentes experiências de vida que podem ser compartilhadas no desenvolvimento da disciplina. Diversas experiências acadêmicas, profissionais e de vida são reunidas em um espaço para troca de ideias sobre o conteúdo da disciplina, o que, pensa-se enriquece a troca de experiências.

Ao passo que fomenta o diálogo, a grande quantidade de alunos dificulta ao professor a promoção do nivelamento. Requer do professor uma sensibilidade na condução do conteúdo, para adequar conteúdo mais basilar e mais aprofundado sem comprometer o entendimento dos alunos. Para auxiliar nesta promoção do nivelamento, toda a informação dada

na sala virtual, seja por postagem em fóruns, seja por chat ou tele-mídias, é informação salva, que pode ser acessada reiteradamente pelo aluno que tem mais dificuldade na absorção do conteúdo.

O processo de *saving data* facilita também ao aluno que ingressa na disciplina extemporaneamente e possibilita ao aluno uma revisão do conteúdo à qualquer tempo. Sob este mesmo argumento, o professor não precisa dedicar uma ou mais aulas para realização de revisões de conteúdo antecedentes à prova. O aluno, por si, poderá fazer esta revisão diante dos arquivos salvos.

#### 4.1.2 *A interdisciplinariedade proporcionada*

Algumas disciplinas são transversais aos cursos de graduação. Cite-se como exemplo as disciplinas de “Educação Ambiental” e “Direito Ambiental”. Trazem um conteúdo moderno e de interesse em várias áreas de conhecimento: Direito, Engenharia, Psicologia, Biologia, entre outras. A oferta da disciplina em EAD possibilita reunir em um único ambiente virtual alunos de cursos diferentes e, talvez, até de Campus diferentes da mesma universidade.

O contributo interdisciplinar para o aprimoramento da disciplina, visto que as manifestações vêm das mais diversas áreas, é positivo. O *networking* proporcionado pelo contato entre os próprios alunos engrandece a troca de ideias e inclusive, contatos profissionais e acadêmicos podem ser estreitados a partir do ambiente virtual.

O professor precisará ampliar o leque de estudos para incorporar conceitos de outras áreas de conhecimento, para que possa bem conduzir este diálogo interdisciplinar.

#### 4.1.3 *A forma e a dosagem de conteúdo*

A forma do conteúdo dependerá da plataforma institucionalizada pela universidade. Em se tratando de conteúdo disponibilizado em *cd room*, além desta mídia, é possível utilizar-se de fóruns, chats e material didático formalizado em apostilas, por exemplo.

Caso seja disponibilizado software específico ou seja utilizado ambiente web (mais comum), é possível dosar o conteúdo com sutileza, tanto para não sobrecarregar os *players*, principalmente o aluno, quanto para um possibilitar uma contínua análise do desempenho do aluno pelo professor.

O acompanhamento nas disciplinas em EaD tendem a ser diários. Este é um fato que pode sobrecarregar no conteúdo, se, por exemplo, todos os dias houver um acréscimo de informações. Para solucionar este problema, sugere-se que o conteúdo seja intercalado com

postagens motivacionais, com a disponibilização de vídeos, outras sugestões de leitura ou mesmo o aprofundamento sobre a matéria já ofertada, baseando-se, por exemplo, em uma postagem anterior dos próprios alunos.

O estímulo pela busca de outros meios de informação diminui o risco de que o aluno fique restrito ao material disponibilizado em nota de aula. O comentário e aprofundamento de novas notícias também têm este papel.

A forma de elaboração do material em nota de aula ou slides interativos devem ser pensados adequando-se ao público alvo. O uso da interatividade há de ser comedido no caso de disciplinas para o curso de graduação, visto o risco da infantilização dos alunos. Muitos “bonequinhos” e o toque necessário à cada avanço de conteúdo ou diálogo podem causar o efeito inverso do desejado, gerando o desinteresse do aluno.

Quanto ao conteúdo, ofertar conteúdo é tão necessário à disciplina quanto para quebrar a falácia do “mais fácil”. O conteúdo deve ser disponibilizado sim, e com qualidade. Pensa-se que, em média, três momentos por semana em que avance-se no conteúdo é uma boa média para as disciplinas de graduação. Nos demais momentos o aprofundamento do conteúdo deve ser trabalhado, além das demais interações como dito acima.

O fascinante das disciplinas em EaD, é que, mesmo com todas as adaptações necessárias, o retorno dos alunos é sentido rapidamente. A quantidade de postagens, as perguntas e os embates de ideias são frequentes em uma disciplina que está despertando interesse. As mudanças para o professor são muitas, mas servem também as mudanças como estímulos para o desenvolvimento das potencialidades do professor.

## **CONCLUSÃO**

As disciplinas em EaD são realidade irretornável na educação superior brasileira. Ao professor caberá aprender e adaptar-se a este novo meio para obter sucesso em sua função que requererá muito mais que as habilidades já desenvolvidas para a sala de aula presencial.

A EAD ganha destaque com a inovação das mídias digitais em ritmo acelerado como nos anos que seguiram o século XX e, sobretudo, com o desenvolvimento da Internet 2.0, ou Web 2.0. Neste novo momento, as tecnologias que atrapalham o bom desempenho na sala presencial serão aliados à formação do conhecimento na sala de aula virtual. A informação rápida, armazenada, compartilhada desempenha seu papel também na formação do aluno.

O ensino construtivista, dialógico e participativo é também possível nas disciplinas de EaD, sendo inclusive o debate o método por excelência utilizado como boa prática pedagógica na EaD.

Métodos de ensino participativo podem auxiliar o professor induzindo a participação do aluno e possibilitando o *feedback* do seu aprendizado. Algumas mudanças são importantes de serem enumeradas para o bom desenvolvimento das potencialidades do professor, dentre elas estão as novas habilidades exigidas, o tratamento com turmas cada vez mais numerosas, a interdisciplinaridade que exigirá do professor conhecimento de áreas conexas além da sensibilidade ao ofertar e dosar o conteúdo. São novos desafios tão fascinantes quanto estimulantes aos professores dos cursos de graduação.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini. Incorporação da Tecnologia de Informação na Escola: Vencendo desafios, articulando saberes, tecendo a rede. Em: MORAES, Maria Candida. **Educação à distância: Fundamentos e Práticas**. Campinas: UNICAMP/NIED, 2002. p. 71- 90.

AZEVEDO, José Carlos de Almeida. Os primórdios da EAD no ensino superior brasileiro. p.2-5. Em: LITTO, Frederico M.; FORMIGA, Marcos(Org.). **Educação à Distância: o estado da arte**.São Paulo: Pearson, 2011.

CARVALHO, Leonardo Arquimimo de. Diálogo Socrático. Em: Em: GHIRARDI , GHIRARDI ,José Garcez. (Org). **Métodos do Ensino em Direito**. Conceitos para um debate. São Paulo: Saraiva, 2009.

FREIRE, Paulo. **A pedagogia do Oprimido**. 23ª Reimpressão. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1994.

GABBAY, Daniela Monteiro e SICA, Ligia Paula Pires. Role-Play. Em: GHIRARDI ,JOSÉ GARCEZ. (Org). **Métodos do Ensino em Direito**. Conceitos para um debate. São Paulo: Saraiva, 2009. p. 73-87.

LITTO, Frederico M.; FORMIGA, Marcos(Org.). São Paulo: Pearson, 2011.

MAIA,Carmem; MATTAR,João. **ABC da EAD**.1.ed.São Paulo: Pearson Prentice Hall,2007.

MARTINEZ, Sérgio Rodrigo. **Práxis dialógica e cooperação: proposições de um novo paradigma para o ensino jurídico**. Disponível em: <http://www.ensinojuridico.com.br/dmdocuments/Artigo-Praxis-JUSSapiens.pdf>. Acesso em: 10 mai. 2013

MORAES, Maria Candida. **Educação à distância: Fundamentos e Práticas**. Campinas: UNICAMP/NIED, 2002.

PALLOFF, Rena; PRATT, Keith. **O aluno virtual: um guia para trabalhar com estudantes online**. São Paulo: Artmed, 2004.

PEIXOTO, Daniel Monteiro. Debate. Em: GHIRARDI , José Garcez. (Org). **Métodos do Ensino em Direito**. Conceitos para um debate. São Paulo: Saraiva, 2009. p.23-30.

PEREIRA, Thomaz Henrique Junqueira de Andrade. Problem-Based Learning (PBL). Em: GHIRARDI , José Garcez. (Org). **Métodos do Ensino em Direito**. Conceitos para um debate. São Paulo: Saraiva, 2009.p.61-71

PETERS, Otto. **A educação à distância em transição**. Tendências e desafios. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 2004.

TARCIA, Rita Maria Lino; CABRAL, Ana Lúcia Tinoco. O novo papel do professor na EAD. Em: LITTO, Frederico M.; FORMIGA, Marcos(Org.). **Educação à Distância: o estado da arte**.São Paulo: Pearson, 2011.p.148-153

VIANNEY, J. TORRES,P.L. SILVA, E. **A Universidade Virtual do Brasil**. Tubarão: UNISUL,2003.

WOLCOTT, Mike. **Whats Web 2.0**. Disponível em : <http://www.cbsnews.com/news/what-is-web-20/>. Acesso em 04 jun 2014.